

**FOCO NO**



**SAEB**

**ESCALA DE PROFICIÊNCIA**

**CADERNO DE QUESTÕES  
NÍVEL II**



**9º ano**

**SUPED SEMED**  
Superintendência de Políticas Educacionais  
Secretaria Municipal de Educação



Leia a crônica e responda às questões 1 e 2.

## Outros Tempos

### “A Bola”

O pai deu uma bola de presente ao filho. Lembrando o prazer que sentira ao ganhar a sua primeira bola do pai. Uma número 5 sem tento oficial de couro. Agora não era mais de couro, era de plástico. Mas era uma bola.

O garoto agradeceu, desembulhou a bola e disse "Legal!". Ou o que os garotos dizem hoje em dia quando gostam do presente ou não querem magoar o velho. Depois começou a girar a bola, à procura de alguma coisa.

- Como é que liga? - perguntou.

- Como, como é que liga? Não se liga.

O garoto procurou dentro do papel de embrulho. - Não tem manual de instrução?

O pai começou a desanimar e a pensar que os tempos são outros. Que os tempos são decididamente outros.

- Não precisa manual de instrução.

- O que é que ela faz?

- Ela não faz nada. Você é que faz coisas com ela.

- O quê?

- Controla, chuta...

- Ah, então é uma bola.

- Claro que é uma bola.

- Uma bola, bola. Uma bola mesmo.

- Você pensou que fosse o quê?

- Nada, não.

O garoto agradeceu, disse "Legal" de novo, e dali a pouco o pai o encontrou na frente da tevê, com a bola nova do lado, manejando os controles de um videogame. Algo chamado Monster Baú, em que times de monstros disputavam a posse de uma bola em forma de blip eletrônico na tela ao mesmo tempo que tentavam se destruir mutuamente.

O garoto era bom no jogo. Tinha coordenação e raciocínio rápido. Estava ganhando da máquina.

O pai pegou a bola nova e ensaiou algumas embaixadas. Conseguiu equilibrar a bola no peito do pé, como antigamente, e chamou o garoto.

- Filho, olha.

O garoto disse "Legal" mas não desviou os olhos da tela. O pai segurou a bola com as mãos e a cheirou, tentando recapturar mentalmente o cheiro de couro. A bola cheirava a nada. Talvez um manual de instrução fosse uma boa idéia, pensou. Mas em inglês, para a garotada se interessar.

Disponível em [https://daffy.ufs.br/uploads/page\\_attach/path/7737/PORTUGU\\_S\\_9ANO.1.pdf](https://daffy.ufs.br/uploads/page_attach/path/7737/PORTUGU_S_9ANO.1.pdf)

Acesso em: 3 set. 2025.

(Adaptado)

1. O garoto ganhou de presente

A) uma TV.

B) um jogo.

C) uma bola.

D) um videogame.

2. O filho procurou pelo(a)

A) pai.

B) manual.

C) baú.

D) máquina.

Leia o fragmento do romance e responda à questão.

### O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

Tudo ia muito bem quando Godofredo entrou na minha aula. Pediu licença e foi falar com D. Cecília Paim (...) Depois saiu. Ela olhou para mim com tristeza.

Quando terminou a aula, me chamou:

- Quero falar uma coisa com você, Zezé. Espere um pouco.

Ficou arrumando a bolsa que não acabava mais. Se via que não estava com nenhuma vontade de me falar e procurava a coragem entre as coisas. Afinal se decidiu.

- Godofredo me contou uma coisa muito feia de você, Zezé. É verdade?

Balancei a cabeça afirmativamente.

- Da flor? É, sim senhora.

- Como é que você faz? - Levanto mais cedo e passo no jardim da casa do Serginho. Quando o portão está só encostado, eu entro depressa e roubo uma flor. Mas lá tem tanta que nem faz falta.

- Sim. Mas isso não é direito. Você não deve fazer mais isso. Isso não é um roubo, mas já é um “furtinho”.

- Não é não, D. Cecília. O mundo não é de Deus? Tudo o que tem no mundo não é de Deus? Então as flores são de Deus também...

Ela ficou espantada com a minha lógica.

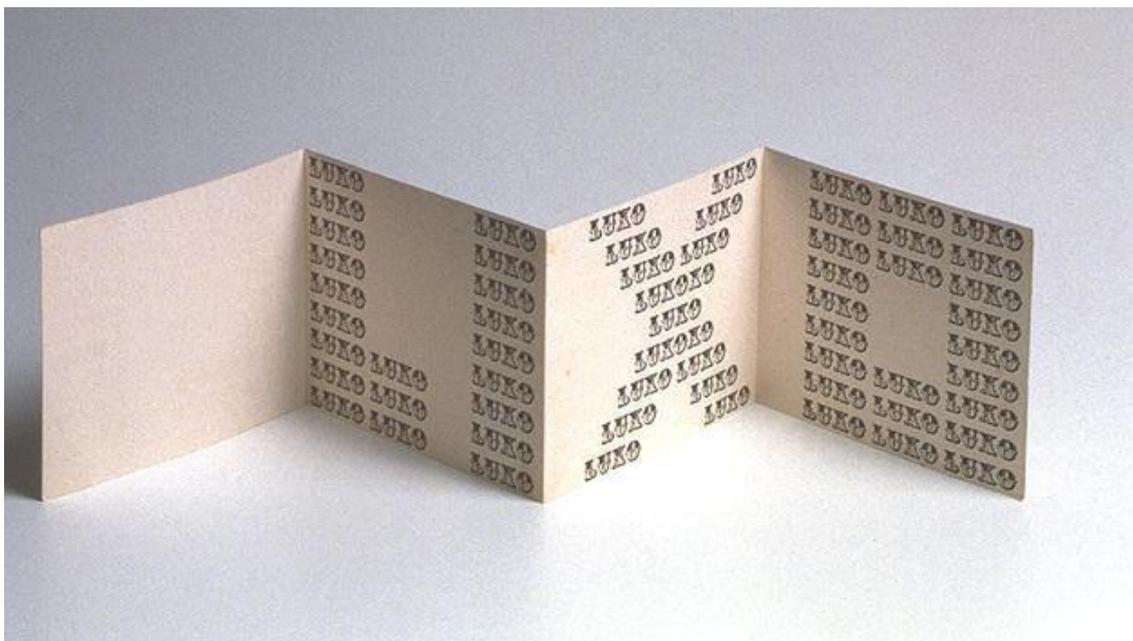
- Só assim que eu podia, professora. Lá em casa não tem jardim. Flor custa dinheiro... E eu não queria que a mesa da senhora ficasse sempre de copo vazio.

Disponível em: [http://projetoeduc.cecierj.edu.br/eja/recurso-multimidia\\_professor/portugues/novaeja/m1u06/lendo-memorias-diretas-atividade-1.pdf](http://projetoeduc.cecierj.edu.br/eja/recurso-multimidia_professor/portugues/novaeja/m1u06/lendo-memorias-diretas-atividade-1.pdf) Acesso em: 3 set. 2025. (Adaptado)

3. O garoto levava para a D. Cecília uma flor do jardim

- A) da casa do Zezé.
- B) da casa do Godofredo.
- C) da casa da professora.
- D) da casa do Serginho.

Leia o poema e responda à questão.



Disponível em <https://www.culturagenial.com/poemas-para-entender-poesia-concreta/> Acesso em: 3 set. 2025.

4. O poema destaca como tema e assunto, respectivamente,

- A) poesia e cultura.
- B) cultura e poesia.
- C) luxo e lixo.
- D) lixo e luxo.

Leia a *charge* e responda à questão.



Disponível em: [armazemdetexto.blogspot.com/2021/07/charge-imigracao-thiago-dornelas-com.html](http://armazemdetexto.blogspot.com/2021/07/charge-imigracao-thiago-dornelas-com.html) Acesso em: 3 set. 2025.

5. A *charge* destaca como tema e assunto, respectivamente,

- A) a imigração e a política de imigração.
- B) a política de imigração e a imigração.
- C) a Europa e a ajuda humanitária.
- D) a ajuda humanitária e a Europa.

Leia a *charge* e responda à questão.



Disponível em: [pt-static.z-dn.net/files/d2c/13e21ae26cd4ecf03742949ae813cd3d.jpg](http://pt-static.z-dn.net/files/d2c/13e21ae26cd4ecf03742949ae813cd3d.jpg) Acesso em: 3 set. 2025.

6. A *charge* destaca como tema e assunto, respectivamente,

- A) a missão da ONU e o Haiti.
- B) o Haiti e a missão da ONU.
- C) Caetano e Gil.
- D) Gil e Caetano.

Leia o poema e responda à questão.

### Tratado Geral das Grandezas do Ínfimo

#### POEMA

A poesia está guardada nas palavras — é tudo que eu sei.  
Meu fado é o de não saber quase tudo.  
Sobre o nada eu tenho profundidades.  
Não tenho conexões com a realidade.  
Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro.  
Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas).  
Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil.  
Fiquei emocionado e chorei.  
Sou fraco para elogios.

Disponível em: <https://www.revistabula.com/2680-os-10-melhores-poemas-de-manoel-de-barros/> Acesso em: 3 set. 2025.  
(Adaptado)

7. No poema, a expressão “- é tudo que eu sei” gera o sentido de

- A) emoção.
- B) negação.
- C) afirmação.
- D) realização.

Leia a charge e responda à questão.



Disponível em: <https://blogdoaftm.com.br/charge-criancas-estao-acessando-a-internet-cada-vez-mais-cedo/> Acesso em: 3 set. 2025.

8. O uso de reticências na charge estabelece sentido de

- A) tendência.
- B) sagacidade.
- C) precocidade.
- D) inconsequência.

Leia o fragmento do romance e responda à questão.

O vaqueiro Fabiano encontra-se com o patrão para receber o salário. Eis parte da cena:

1 Não se conformou: devia haver engano. (...)   
 Com certeza havia um erro no papel do branco. Não   
 se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos.   
 4 Passar a vida inteira assim no toco, entregando o   
 que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo?   
 Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de   
 7 alforria?   
 O patrão zangou-se, repeliu a insolência,   
 achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço   
 10 noutra fazenda.   
 Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou.   
 Bem, bem. Não era preciso barulho não.

Graciliano Ramos. **Vidas Secas**. 91.<sup>a</sup> ed.   
 Rio de Janeiro: Record, 2003.

Disponível em: <https://enembulando.com.br/questoes/no-romance-vidas-secas> Acesso em: 3 set. 2025.

9. Os sentidos estabelecidos pelos usos da conjunção ‘e’, indicam

- A) causa.
- B) oposição.
- C) convergência.
- D) consequência.

Leia a lenda e responda à questão.

#### Lenda da Matinta Pereira

Matinta Pereira é uma bruxa velha que assombra as casas das redondezas durante à noite, momento em que ela se torna um pássaro, o “Rasga Mortalha”. Assim, o pássaro pousa nos telhados ou nos muros das casas, emitindo um assobio alto e estridente para os moradores darem conta de sua presença.

Matinta costuma aparecer durante a noite ou a madrugada, perturbando o sono das pessoas. Nesse momento, um dos moradores da casa diz em voz alta que oferecerá para ela o tabaco desejado.

Depois de proferida a frase, o pássaro voa dali e vai até outras casas fazer o mesmo. Note que em alguns lugares, as pessoas oferecem outras coisas como comida, bebidas, presentes, etc.

No dia seguinte, com o aspecto de bruxa velha, Matinta vai às casas e recebe o que lhe foi prometido na noite anterior. Se não lhe for entregue, ela amaldiçoa todos os moradores da casa, com doenças ou mesmo com mortes.

A maldição de Matinta pode ser passada para outras pessoas. Assim, quando a velha bruxa já está pronta a morrer, ela indaga outras mulheres perguntando somente “se querem”. Se, portanto, a resposta for positiva, a pessoa carregará essa maldição, passando a ser a Matinta.

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/matinta-pereira/> Acesso em: 3 ago. 2025.

10. Na lenda, há relação de causa e consequência em

- A) [...] Nesse momento, um dos moradores da casa diz em voz alta que oferecerá para ela o tabaco desejado.
- B) [...] em alguns lugares, as pessoas oferecem outras coisas como comida, bebidas, presentes, etc.
- C) [...] “Matinta vai às casas e recebe o que lhe foi prometido na noite anterior. Se não lhe for entregue, ela amaldiçoa todos os moradores da casa, com doenças ou mesmo com mortes.
- D) [...] Assim, quando a velha bruxa já está pronta a morrer, ela indaga outras mulheres perguntando somente “se querem”.

Leia a lenda e responda à questão.

#### Lenda da Iara

Iara era uma índia admirada pela sua beleza e também pelo fato de ser uma grande guerreira. Invejosos, seus irmãos resolveram matá-la, mas sendo uma guerreira habilidosa, consegue vencer a luta e é ela quem os mata. Com medo de ser punida pelo pajé da tribo, foge. O pajé era seu pai, o qual após encontrar Iara resolve castigá-la lançando-a ao rio para que ela morresse, tal como seus irmãos.

No entanto, os peixes salvam a índia, a qual se transforma numa bela sereia que passa a habitar os rios da região da Amazônia. Atraindo os homens para lá, tenta afogá-los.

Segundo a lenda, quem consegue escapar, enlouquece e somente pode ser curado por um pajé.

Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/lendas-indigenas/> Acesso em: 3 set. 2025.

11. Uma das características da Iara que a torna admirada é

- A) a força.
- B) a inveja.
- C) a beleza.
- D) a sensibilidade.

Leia a fábula e responda à questão.

#### "A corrida de sapinhos"

Era uma vez uma corrida de sapinhos.

Eles tinham que subir uma grande ladeira e, do lado havia uma grande multidão, muita gente que vibrava com eles.

Começou a competição.

A multidão dizia:

– Não vão conseguir! Não vão conseguir!

Os sapinhos iam desistindo um a um, menos um deles que continuava subindo. E a multidão a aclamar:

– Não vão conseguir! Não vão conseguir!

E os sapinhos iam desistindo, menos um, que subia tranquilo, sem esforço.

No final da competição, todos os sapinhos desistiram, menos aquele.

Todos queriam saber o que aconteceu, e quando foram perguntar ao sapinho como ele conseguiu chegar até o fim, descobriram que ele era SURDO!

Moral: Quando queremos fazer alguma coisa que precise de coragem não devemos escutar as pessoas que falam que você não vai conseguir. Seja surdo aos apelos negativos.

Disponível em: <https://www.maisbolsas.com.br/enem/lingua-portuguesa/origens-e-caracteristicas-da-fabula> Acesso em: 3 set. 2025.

12. Na lenda, há relação de causa e consequência em:

- A) “Era uma vez uma corrida de sapinhos”.
- B) “Os sapinhos iam desistindo um a um, menos um deles que continuava subindo”.
- C) “quando foram perguntar ao sapinho como ele conseguiu chegar até o fim, descobriram que ele era surdo!”
- D) “Quando queremos fazer alguma coisa que precise de coragem não devemos escutar as pessoas que falam que você não vai conseguir”.

Leia o artigo de opinião e responda às questões 13 e 14.

#### Redes sociais: ameaças à escola ou recursos?

Precisamos nos preparar para essa nova forma de comunicação, que nos liga ao mundo mas nos deixa permanentemente expostos

Logo depois de saber do impacto do Diário de Classe, da garota de Florianópolis que expôs no *Facebook* problemas de sua escola, fui atender a um convite para visitar outra unidade da rede pública, essa na periferia de São Paulo. O fato de a leitura da notícia e a visita terem ocorrido na mesma manhã me sensibilizou de forma intensa e contraditória, como relatarei a seguir, reforçando minha percepção de que não é mais possível educar e conduzir escolas sem plena vivência das novas tecnologias de informação e comunicação.

A página de Isadora Faber na rede social - falando da estrutura precária da instituição em que estuda e de um professor - alcançou aprovação imediata de milhares de seguidores e acabou mobilizando as autoridades locais para os problemas que ela apontou. Além de surpreso pela repercussão, fiquei apreensivo por perceber até que ponto as escolas podem ficar expostas, pois uma rede social permite denúncias justas, mas também constrangimentos.

Lembro-me da gravação mostrada há algum tempo na TV de meninas se esmurrando no chão de uma sala de aula, atizadas pelos colegas, que as filmavam com um celular. Noutras palavras, assim como me oponho a câmeras de segurança por toda parte, que fazem a escola parecer presídio, gostaria de evitar que ela se tornasse circo ou um Big Brother.

No entanto, durante o dia que passei na escola paulista, minha preocupação foi outra. Depois de me emocionar com um espetáculo de dança, concebido e apresentado pelos alunos, ouvi da nova diretora o relato de uma situação dramática herdada da gestão anterior: lajes despencando, telhados vazando e tomadas expostas, além de um professor que, à sombra de um estatuto equivocado, só vem a cada duas semanas, quando humilha os alunos - como vi em bilhetes em que se queixavam dele. Ao pensar nesse absurdo e em possíveis acidentes no prédio decadente, pensei: "Será preciso que, como em Florianópolis, uma garota de 13 anos ponha a boca no trombone virtual para a rede pública promover a manutenção predial nas escolas e se mobilizar para mudar um estatuto que protege falsos mestres?"

É claro que não só escolas estão expostas ao crivo das redes sociais, pois grandes corporações monitoram continuamente a internet, temendo que seus produtos e serviços sejam condenados por reclamações que se alastram como praga. Aliás, autoridades poderiam estar sempre atentas à avaliação dos serviços públicos, não somente às vésperas das eleições. É um grave equívoco, no entanto, se educadores e instituições de ensino simplesmente se protegerem da *internet* e das redes como se elas fossem ameaças. Devemos, sim, fazer uso delas, reconhecendo o poder de comunicação que têm como essencial para o trabalho.

Nada impede e ao mesmo tempo tudo recomenda que as escolas lancem mão das redes sociais, contando com a participação contínua dos estudantes, que nelas poderão, por exemplo, expor seus trabalhos, assim como comentários sobre as produções de seus colegas. Isso, aliás, também propiciará um envolvimento das próprias famílias no processo educativo, estabelecendo uma relação muito além da usual troca de reclamações.

Por certo, vivemos hoje em dia uma transição e, em breve, o relacionamento entre escolas, alunos e famílias estará naturalmente imerso na forma de comunicação que notabilizou Isadora - e que vai proliferar. Ao se

preparar para isso, a escola pode começar por incluir os jovens em discussões sobre normas da escola e regras de convívio também nas redes sociais. Dessa forma, abrirá uma caixa de diálogo sobre a condução das aulas, a adequação das provas e - por que não? - a manutenção dos prédios.

\* *Luis Carlos de Menezes* é físico e educador da Universidade de São Paulo (USP).

Disponível em <https://novaescola.org.br/conteudo/790/redes-sociais-ameacas-a-escola-ou-recursos?> Acesso em: 4 set. 2025.

13. O texto apresenta como um dos recursos argumentativos:

- A) “conduzir escolas sem plena vivência das novas tecnologias”.
- B) “durante o dia que passei na escola paulista, minha preocupação foi outra.”.
- C) “temendo que seus produtos e serviços sejam condenados!”
- D) “reconhecendo o poder de comunicação que têm como essencial”.

14. Outro recurso argumentativo do texto é:

- A) “propiciará um envolvimento das próprias famílias no processo educativo”.
- B) “vivemos hoje em dia uma transição”.
- C) “uma caixa de diálogo sobre a condução das aulas.”
- D) “a manutenção dos prédios”.

Leia o artigo de opinião e responda às questões.

### Desafios e oportunidades com a lei de celulares na escola

A nova lei surge como uma resposta a preocupações crescentes das famílias e, especialmente, da comunidade médica, que têm destacado os alarmantes índices de problemas de saúde mental entre jovens associados ao uso excessivo de telas. Também busca combater os prejuízos acadêmicos resultantes da distração causada por dispositivos eletrônicos pessoais em sala de aula.

Diante disso, espera-se que toda a comunidade escolar colabore para sua implementação e, no futuro, celebre os benefícios que ela promete trazer.

No entanto, não podemos ignorar os desafios que podem surgir ao longo do processo. É impossível antever todas as dificuldades, porém, ousamos dizer que as escolas podem enfrentar a resistência de alunos e de algumas famílias à proibição, aderirem a protocolos inadequados para atender às exigências legais, gerando consequências negativas, e falta de condições para a capacitação contínua de professores e funcionários para lidar com essas mudanças de maneira eficiente e acolhedora.

Por outro lado, a lei apresenta uma oportunidade significativa para transformar o ambiente escolar. Ela pode se tornar um marco na promoção de espaços mais adequados para a aprendizagem, socialização e brincadeiras entre alunos, onde o foco no aprendizado e no bem-estar seja prioritário.

Além disso, a nova regulamentação incentiva o uso consciente da tecnologia para fins pedagógicos e abre caminhos para um diálogo mais profundo com as famílias sobre saúde mental e os impactos do uso excessivo de telas. Também representa uma grande oportunidade para fortalecer ações educativas sobre segurança digital e o uso responsável da tecnologia.

O sucesso da norma dependerá não apenas de sua aplicação prática, mas também do compromisso de toda a comunidade escolar em reconhecer os desafios como oportunidades de crescimento e transformação.

Ao adotar uma abordagem colaborativa, solicitando a cooperação das famílias e alunos, é possível que a implementação da norma não só alcance seus objetivos, mas também inspire iniciativas futuras que priorizem cada vez mais o desenvolvimento integral dos estudantes.

\***Kelli Angelini** é advogada e palestrante em educação digital e segurança digital. Fundadora do Instituto Educando Direito. Autora do livro finalista Jabuti 'Segredos da internet que crianças e adolescentes ainda não sabem' (ed. Inverso). Luis Carlos de Menezes é físico e educador da Universidade de São Paulo (USP).

Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2025/01/28/celulares-na-escola/> Acesso em: 4 set. 2025.

15. O texto apresenta como principal recurso argumentativo:

- A) "A nova lei surge como uma resposta a preocupações crescentes das famílias".
- B) "Também busca combater os prejuízos acadêmicos".
- C) "onde o foco no aprendizado e no bem-estar seja prioritário!"
- D) "inspire iniciativas futuras que priorizem cada vez mais o desenvolvimento integral dos estudantes".

Leia a crônica e responda às questões 16,17 e 18.

Pá, Pá, Pá

A americana estava há pouco tempo no Brasil. Queria aprender o português depressa, por isto prestava muita atenção em tudo que os outros diziam. Era daquelas americanas que prestam muita atenção.

Achava curioso, por exemplo, o "pois é". Volta e meia, quando falava com brasileiros, ouvia o "pois é". Era uma maneira tipicamente brasileira de não ficar quieto e ao mesmo tempo não dizer nada. Quando não sabia o que dizer, ou sabia mas tinha preguiça, o brasileiro dizia "pois é". Ela não aguentava mais o "pois é".

Também tinha dificuldade com o "pois sim" e o "pois não". Uma vez quis saber se podia me perguntar uma coisa.

- Pois não - disse eu, polidamente.

- É exatamente isso! O que quer dizer "pois não"?

- Bom. Você me perguntou se podia fazer uma pergunta. Eu disse "pois não". Quer dizer, "pode, esteja à vontade, estou ouvindo, estou às suas ordens..." - Em outras palavras, quer dizer "sim".

- É.

- Então por que não se diz "pois sim"?

- Porque "pois sim" quer dizer "não".

- O quê?!

- Se você disser alguma coisa que não é verdade, com a qual eu não concordo, ou acho difícil de acreditar, eu digo "pois sim".

- Que significa "pois não"?

- Sim. Isto é, não. Porque "pois não" significa "sim".

- Por quê?

- Porque o "pois", no caso, dá o sentido contrário, entende? Quando se diz "pois não", está-se dizendo que seria impossível, no caso, dizer "não". Seria inconcebível dizer "não". Eu dizer não? Aqui, ó.

- Onde?

- Nada. Esquece. Já "pois sim" quer dizer "ora, sim!". "Ora se aceitar isso." "Ora, não me faça rir. Rã, rã, rã."

- "Pois" quer dizer "ora"?

- Ahn... Mais ou menos.

- Que língua!

Eu quase disse: "E vocês, que escrevem 'tough' e dizem 'tâf'?", mas me contive. Afinal, as intenções dela eram boas. Queria aprender. Ela insistiu:

- Seria mais fácil não dizer o "pois".

Eu já estava com preguiça.

- Pois é.

- Não me diz "pois é"! Mas o que ela não entendia mesmo era o "pá, pá, pá".

- Qual o significado exato de "pá, pá, pá".

- Como é?

- "Pá, pá, pá".

- "Pá" é pá. "Shovel". Aquele negócio que a gente pega assim e...

- "Pá" eu sei o que é. Mas "pá" três vezes?

- Onde foi que você ouviu isso?  
- É a coisa que eu mais ouço. Quando brasileiro começa a contar história, sempre entra o "pá, pá, pá". Como que para ilustrar nossa conversa, chegou-se a nós, providencialmente, outro brasileiro. E um brasileiro com história:  
- Eu estava ali agora mesmo, tomando um cafezinho, quando chega o Túlio. Conversa vai, conversa vem e coisa e tal e pá, pá, pá... Eu e a americana nos entreolhamos.  
- Funciona como reticências - sugeri eu. - Significa, na verdade, três pontinhos. "Ponto, ponto, ponto."  
- Mas por que "pá" e não "pó"? Ou "pi" ou "pu"? Ou "etcétera"?  
Me controlei para não dizer - "E o problema dos negros nos Estados Unidos?". Ela continuou:  
- E por que tem que ser três vezes?  
- Por causa do ritmo. "Pá, pá, pá." Só "pá, pá" não dá. - E por que "pá"?  
- Porque sei lá - disse, didaticamente.  
O outro continuava sua história. História de brasileiro não se interrompe facilmente.  
- E aí o Túlio com uma lengalenga que vou te contar. Porque pá, pá, pá...  
- É uma expressão utilitária - intervim. - Substitui várias palavras (no caso toda a estranha história do Túlio, que levaria muito tempo para contar) por apenas três. É um símbolo de garrulice vazia, que não merece ser reproduzida. São palavras que...  
- Mas não são palavras. São só barulhos. "Pá, pá, pá."  
- Pois é - disse eu.  
Ela foi embora, com a cabeça alta. Obviamente desistira dos brasileiros. Eu fui para o outro lado. Deixamos o amigo do Túlio papeando sozinho.

Disponível em [https://daffy.ufs.br/uploads/page\\_attach/path/7737/PORTUGU\\_S\\_9ANO.1.pdf](https://daffy.ufs.br/uploads/page_attach/path/7737/PORTUGU_S_9ANO.1.pdf) Acesso em: 3 set. 2025.  
(Adaptado)

16. O efeito de sentido da repetição de “pois é”, no segundo parágrafo é

- A) “evitar o diálogo”.
- B) “interagir de modo breve”.
- C) “argumentar ríspidamente”.
- D) “responder detalhadamente”.

Leia o fragmento da crônica e responda à questão.

Também tinha dificuldade com o "pois sim" e o "pois não". Uma vez quis saber se podia me perguntar uma coisa.

- Pois não - disse eu, polidamente.
- É exatamente isso! O que quer dizer "pois não"?
- Bom. Você me perguntou se podia fazer uma pergunta. Eu disse "pois não".

17. O efeito de sentido da expressão “pois não” indica

- A) ironia.
- B) raiva.
- C) surpresa.
- D) impaciência.

Leia o fragmento da crônica e responda à questão.

- Qual o significado exato de "pá, pá, pá".
- Como é?
- "Pá, pá, pá".
- "Pá" é pá. "Shovel". Aquele negócio que a gente pega assim e...
- "Pá" eu sei o que é. Mas "pá" três vezes?

18. O efeito de sentido da repetição do “pá” na crônica, indica

- A) a continuidade de uma narrativa.
- B) a conclusão de uma narrativa.
- C) a abreviação de uma narrativa.
- D) a pausa de uma narrativa.

### Gabarito

Questão	Nível de proficiência Habilidade	Gabarito
1	2 Localizar informações explícitas em fragmentos de romances e crônicas.	C
2	2 Localizar informações explícitas em fragmentos de romances e crônicas.	B
3	2 Localizar informações explícitas em fragmentos de romances e crônicas.	D
4	2 Identificar tema e assunto em poemas e charges, relacionando elementos verbais e não verbais.	C
5	2 Identificar tema e assunto em poemas e charges, relacionando elementos verbais e não verbais.	A
6	2 Identificar tema e assunto em poemas e charges, relacionando elementos verbais e não verbais.	B
7	2 Reconhecer o sentido estabelecido pelo uso de expressões, de pontuação, de conjunções em poemas, charges e fragmentos de romances.	C
8	2 Reconhecer o sentido estabelecido pelo uso de expressões, de pontuação, de conjunções em poemas, charges e fragmentos de romances.	D
9	2 Reconhecer o sentido estabelecido pelo uso de expressões, de pontuação, de conjunções em poemas, charges e fragmentos de romances.	B

10	2 Reconhecer relações de causa e consequência e características de personagens em lendas e fábulas.	C
11	2 Reconhecer relações de causa e consequência e características de personagens em lendas e fábulas.	C
12	2 Reconhecer relações de causa e consequência e características de personagens em lendas e fábulas.	C
13	2 Reconhecer recurso argumentativo em artigos de opinião.	D
14	2 Reconhecer recurso argumentativo em artigos de opinião.	A
15	2 Reconhecer recurso argumentativo em artigos de opinião.	C
16	2 Inferir efeito de sentido de repetição de expressões em crônicas.	B
17	2 Inferir efeito de sentido de repetição de expressões em crônicas.	A
18	2 Inferir efeito de sentido de repetição de expressões em crônicas.	C